AG 3.2.2.91

do Congresso da Paz, todos os esforços politicos serão, no entanto, estereis, e só nesse Congresso é que as neutralidades da Grecia, da Hollanda, da Suissa e da Hespanha serão esclarecidas. Nós, os Povos Latinos, temos de formar a Fronteira Occidental, como um dos cimentos da Paz estavel. Estou convencido que a Confederação Latina é que cimentará a Federação hispanica; neste campo é que a propaganda deve ser immediata.

Agradecendo o seu honroso convite, sou de V. Ex., affectuosissimo admirador — *Theophilo Braga.*»

O Sr. Lopez Muñoz, Ministro da Hespanha em Lisboa, tambem publicou um artigo no *Imparcial* sobre a *Harmonia Iberica*, exaltando a approximação hispano-lusa. Dirige ao Sr. Lorenzo grandes elogios pela campanha que tem feito sobre aquelle importante assumpto e pondera nesse artigo a admiração e sympathia que ha em Portugal pela Hespanha e o seu Rei. Affirma que cessou a indifferença entre os dous povos e diz que está aberto o caminho para os Governos das duas nações levarem a cabo a empreza ha tantos annos reclamada, pela natureza da sua historia, ideaes de civilização, attitudes de raça, estimulos de conveniencia, suggestões do instincto que se impõem em horas difficeis chegadas ou temidas.»

Em seguida o diplomata hespanhol dá conta de uma larga conversação que teve sobre o assumpto com o Sr. Presidente da Republica. Diz assim:

«Depois de escripta esta carta tive a honra de ser recebido pelo Presidente da Republica e de ouvir dos seus labios interessantissimas declarações sobre a intelligencia entre Portugal e Hespanha, com a sua expressa autorização para que lhes envie e pode mesmo dizer-se com o encargo de assim faça. Isso vou fazer com a maior satisfação; perdoar-me-ha o Presidente, que omitta algo que a minha penna modesta não poderia escrever sem constrangimento.

O illustre Dr. D. Bernardino Machado, honra da patria que dirige, compraz-se em repetir que é desde sempre admirador e amigo da nossa. Bem o apregôa o facto das suas frequentes viagens á Hespanha, onde creou tantos e tão intimos affectos com os seus homens publicos, e bem o demonstra o seu conhecimento da vida hespanhola, mais intensa e acertadamente apreciada por elle por muitos publicos politicos. O Chefe do Estado portuguez é Portuguez até a medulla dos ossos e aos seus olhos é o melhor titulo, apreço e sympathia que um Hespanhol o considere tão hespanhado quanto elle se sente lusitano. Por isso, pelo seu ardente hespanholismo, que faz delle uma entidade unica com a Hespanha, e porque levam Hespanha pelo caminho da Liberdade, do Progresso e da Justiça, tem pelo Rei D. Affonso XIII uma estima profunda e com especial interesse acompanha os seus passos, desejando felicidades e triumphos para a sua iniciativa e generosa juventude.

Precizamente a affirmação desse culto nacional que deva cada um dos povos a desenvolver com afan crescente as caracteristicas do seu proprio genio, é, na opinião do Presidente, a maior garantia de uma solida intelligencia e o meio adequado de o tornar duradoura e efficaz. Assim a collaboração será fecunda, porque por ella chegarão Portugal e Hespanha a completar-se nas suas qualidades e manifestações activas, logrando ambas as nações um concerto que só de elementos distinctos pode tratar e para o qual nada será obstaculo emquanto entre ellas exista o laço de sentimento liberal que afortunadamente constitue o alento e o ideal commum das instituições.

Quando termine a guerra, deve o mundo encontrar estabelecida entre os dous paizes peninsulares essa estreita relação a que todos aspiramos, para que um e outro fiquem fortalecidos e de tal modo que não só se favoreçam entre si na esphera das suas relações, mas que cada um represente um anteparo do outro contra qualquer influencia inimiga dos seus interesses legitimos. Então, com tudo que desde já deve ir-se preparando dentro das possibilidades que cabem na situação presente, hão de vir organismos fundamentaes de intercambio, virá o tratado de commercio, tão amplo como fôr mistér.

Entende, porém, o Presidente da Republica que não se deve chegar ao tratado de commercio como á terminação de um pleito, mas, sim, como a expressão definitiva de um alto empenho de confraternidade sincera. Nos pleitos, um e outro litigante costumam perder algo do que reputam o seu direito; e o tratado ha de concertar-se, aspirando com inteira boa fé a que Portugal e Hespanha ganhem positivamente e por igual no desenvolvimento das suas naturaes condições e meios de trabalho.

Para esta obra de união opina o meu interlocutor insigne que se caminha sem vacilações, sem desconfianças, mas dando provas de muita confiança exemplar. Quanto a queira dizer, acrescentou o Presidente, sobre o meu desejo de testemunhar á Hespanha o amor que lhe professo, parece-nha pouco. E vou dar-lhe uma idéa, terminou o Dr. Machado, de como se me apresenta esta relação hispano-portugueza: «E' bem sabido o carinho fraternal que eu dedicava áquelle sabio hespanhol que se chamou Dom Francisco Giner, a quem tantos timbres de gloria deve a sua patria. Pois bem: eu aspiro a que Portugal e Hespanha se queiram tão entranhadamente como de coração, de vontade e de facto nos queriamos D. Francisco Giner e eu».

E' tão formoso e tão importante tudo isto, que v. faria bem, amigo Lorenzo, suprimindo as minhas declarações para inserir sómente nas columnas do *Imparcial* o que ponho, com a natural pobreza do meu estylo, na bocca do Presidente da Republica lusitana.»

O artigo do Sr. Lopez Muñoz provocou muitos reparos, tanto dos republicanos, como dos monarchicos.

A «Capital», por exemplo, publicou um artigo intitulado *Depois da guerra*, em que diz que a resolução dos Estados Unidos foi o gesto decisivo, que obriga todas as nações a definir a sua attitude, e termina assim:

«Tomará agora a Hespanha uma resolução, ou será o unico paiz do mundo civilizado que se conserve numa situação que a ninguem agrada e que a elle proprio prejudica?

Seja, como fôr, o que nos parece que esta situação demonstra é quanto são prematuros os entendimentos de que se falla para estreitar as relações dos dous paizes peninsulares, mercê da politica a que se deu o nome de harmonia iberica. Afigura-se-nos que não é opportuna a campanha do «Imparcial», de Madrid, como se nos afigura que têm sido precipitados os estadistas, os parlamentares, os homens de lettras, os philosophos, os directores de jornaes que têm dado o seu parecer sobre um projecto que depende das condições em que ficar politicamente a Europa depois da guerra. Evidentemente logo que se faça a paz, haverá modificações importantes sob esse ponto de vista. Cream-se-hão categorias para as diversas nações européas, conforme os serviços que houverem prestado á causa da civilização, conforme os sacrificios que tenham supportado, ou conforme a attitude que hajam assumido, contrariando ou mostrando-se indifferente ao triumpho de tal causa. Haverá novas zonas politicas para as nações, como haverá para muitas dellas outras zonas geographicas.

Ficarão a Hespanha e Portugal na mesma zona ou em categoria identica? Ficarão separados nessa categoria ou nessa zona? Conforme fôr a sua posição no mundo após a guerra, assim se poderá saber em que condições podem manter, ou mesmo estreitar, as suas relações internacionaes.

Daqui até lá tudo quanto se fizer corresponde a construir na areia aquelles castellos em Hespanha que passaram para os dominios das ficções populares.»

O «Dia» publicou, sob o titulo *O problema hispano-luso*, um artigo assignado pelo Sr. José de Azevedo Castello Branco, ultimo Ministro dos Extrangeiros da Monarchia, o qual termina com os periodos seguintes:

«Quanto posso apurar do que leio, a «Harmonia Iberica» parece pretender determinar um estado de espirito nacional que permitta ir por diante com esse incoercivel tratado de commercio de que se falla ha annos, sempre na iminencia de chegar sem nunca apparecer, o qual, se fosse a realidade daquelle que foi denunciado, sempre nos permittiria o intercambio dos burros a que o defunto Marianno de Carvalho attribuia muitas das cousas extravagantes que por cá se passavam no seu tempo. Para isso afigura-se-me desperdicio inutil tanto palavreado. E como não posso crer que uma nação servida por tão altos espiritos pretenda deleitar-se em byzantonismos é que nesse tratado de que todos fallam como um precioso e inattingido objectivo haverá mais e melhor que o dito intercambio de solipedes, sem que ninguem venha esclarecer a curiosidade publica com a preciza definição do que seja a «Harmonia Iberica».

E' esta reserva o que traz multa gente assustada com a habilidade diplomatica do actual representante da nação vizinha, que chegou, vio e logo mandou dizer para lá das fronteiras que as desavenças em que andamos enredados ha seis annos, que o mal interior em que se evadem as nossas energias, são um passageiro soffrimento curavel com a papa emoliente da «Harmonia Iberica», applicada ao toutiço de um povo que parece não ter juizo para se governar por si.

Mas, se assim é, por que se não falla com franqueza? Para que são essas meias palavras? A quem enganam essas ambiguidades? Não seria por ventura melhor que todos ficassem sabendo o bem que nos espera nessa hora fecunda em que os dous povos canjem a mesma canção, no mesmo tom e sem irritantes desafinações?

Por Deus digam-nos o que de nós querem, pois que de Norte a Sul aquillo por que todos suspiram é por acalmar o irritante sarampo iberico de que está possesso o Sr. Felix Lorenzo.

Porém, se a «Harmonia Iberica» não passa de uma charada diplomatica, ponham-n-a a premio no «Seculo», que traz os seus leitores trenados em difficeis adivinhações. Por mim, confesso-me vencido para percebel-a ainda depois das eloquentes palavras do Sr. Lopez Muñoz.

Que... tambem é possivel que a chave do enigma a traga o Sr. Affonso Costa naquella mesma mala em que nos trouxe de Londres o contrato com a Furnese. Se assim fôr, a cousa ha de soar, porque, segundo o sabio proverbio, duas cousas ha que ningem logra occultar: *nem o dinheiro que possue nem a imbecilidade que tem.*»

A este artigo respondeu o «Mundo»:

«Uma gazeta monarchica que vê esboroar-se todos os dias os pretextos que architecta para fazer mal ao regimen, toda se assusta com a nossa approximação com a Hespanha. Não se assustou o seu Director quando o seu Bragança pretendia um tratado para o paiz vizinho intervir na politica interna portugueza. Pelo que se vê, os nervos soffreram muito com a revolução. Não ha iberismo de nenhuma qualidade. Apenas pretendemos, em ambos os paizes, conservando o respeito mutuo pela completa soberania de cada um, um entendimento economico, intellectual e moral, com vantagens reciprocas. Se esta declaração ajuda a socegar os nervos excitados pelos jejuns e penitencias da quaresma e facilita-lhe o somno, asseguramos-lhe que é a exacta expressão da verdade. Ninguem que tenha responsabilidades politicas pensa de outra maneira».

— Lê-se no «Diario de Noticias» este telegramma de Madrid:

«Madrid, 11. — O Diario Universal» publica hoje um telegramma da Corunha, dizendo ter despertado alli grande enthusiasmo a campanha do «Imparcial» relativa á «Harmonia Iberica». Accrescenta que foram muitas idéas e commentadas favoravelmente as opiniões dos Srs. Conde de Romanones e Dr. Affonso Costa. Termina por dizer serem importantes as relações commerciaes e industriaes que a Galliza tem com Portugal, e que a sua situação geographica justifica o interesse por que a União Iberica seja um facto.»

— O «Dia» transcreve, e commenta:

«A nossa situação geographica» a justificar a União Iberica!

Já nos lá vamos? Alto lá! E' muito apressado o caminho assim andado desde as phantasias já pouco innocentes da «harmonia iberica» até aos appetites gulosos da união iberical.

Alto lá!»

E' muito provavel que o telegrapho enviasse para o Brasil a noticia do artigo do Sr. Lopez Muñoz, e dos commentarios que provocou. E como toda a gente em Lisboa discute o assumpto com o mais vivo interesse, não duvidei tratal-o desenvolvidamente.

— O General Tamagnini, ao assumir o commando das forças portuguezas em França, dirigio aos seus soldados a seguinte patriotica proclamação:

«Corpo Expedicionario Portuguez — Soldados! — Ao assumir, em França, o commando do Corpo Expedicionario Portuguez com que o Governo da Republica me honrou, saudo-vos, cheio de enthusiasmo, expressando-vos o meu desvanecido orgulho por vos commandar.

Tenho a certeza de que, na luta em que vamos entrar para a defesa do Direito, da Liberdade, e da nossa propria honra, pelos nossos inimigos ultrajada, sabereis revelar todo o conjunto de qualidades e sentimentos, que, em todas as épocas, distinguiram os soldados de Portugal.

Tenho a maior fé de que regressareis ás vossas terras, ao seio das vossas familias, com a consciencia do dever cumprido, depois de aqui terdes, ao lado dos valorosos Exercitos britannico e francez, vingado os nossos irmãos da affronta recebida em terras de Africa, e honrado a nossa querida Patria em cuja bandeira se contemplam as immorredouras quinas, até hoje cobertas de gloria em todas as partes do mundo.

Ao enviar-vos a minha saudação, sei que dentro dos vossos peitos palpita, como no meu, o mesmo enthusiasmo fervoroso pela victoria dos alliados, que é a victoria da nossa propria causa, e que commigo repetireis:

Vivam os alliados! Viva Portugal! Viva o Exercito Portuguez! — *Fernando Tamagnini*, General.»

Todos os jornaes publicaram a proclamação, acompanhando-a de palavras inspiradas pelo patriotismo mais ardente e pela fé mais arraigada na victoria dos alliados.

Poucos dias depois o Ministerio da Guerra enviou á imprensa a seguinte nota officiosa:

«O General Tamagnini, Commandante do C. E. P., telegraphou ao Ministro da Guerra participando que parte das nossas forças já estava combatendo nas trincheiras de França, ao lado das forças inglezas.»

Publicando a nota, escreveu o *Mundo*:

«E' evidente que não se conhecem ainda todos os pormenores da acção das tropas portuguezas, mas as informações recebidas são de molde a dar-nos a certeza de que se portaram com o brio que era de esperar.

Os soldados portuguezes nunca, em circumstancia alguma, quebraram a tradição gloriosa da Patria. Batem-se como valentes. Affirma-se que os soldados portuguezes estavam no seu campo de concentração quando a alguma distancia delles se travou peleja. Marcharam ao encontro do inimigo, batendo-se com heroismo. A Patria deve estremecer de orgulho.»

O Sr. Ministro da Guerra concedeu, sobre o assumpto, ao redactor da *Capital* uma entrevista, em que se lê:

— Mas estamos defendendo já um sector especial? — inquirimos.

— Por ora ainda não. A seu tempo, quando estiverem concentradas todas as forças que enviamos á frente occidental, nos será confiado esse sector. Entretanto, os soldados portuguezes vão prestando já o seu concurso nas primeiras linhas, o que, além de lhes dar, de facto, a categoria que lhes compete ao lado dos seus camaradas inglezes, que ha tres annos se estão batendo, contribue notavelmente para fortalecer no seu espirito a consciencia da honrosissima missão que foram desempenhar a França.

— Não vê V. Ex. inconveniente na divulgação da noticia?

— De modo algum. Nem ao paiz se occultará cousa nenhuma, com a unica e indispensavel restricção dos segredos militares. Teneiono, como outras que venham chegando, dal-a aos jornaes em nota officiosa.

— E as baixas?

— Logo que dellas haja telegramma detalhado, serão dadas tambem á publicidade, em listas de honra, que os jornaes publicarão ,contendo os nomes de mortos e feridos que tivermos durante a guerra.

— E certo que V. Ex. pensa em visitar as divisões portuguezas no campo de batalha?

— Teneiono effectivamente fazel-o, mas quando lá estiver tudo.

— Dentro de...

— Dentro de algum tempo, tornou, sorrindo o Sr. Ministro da Guerra.

E, ao estender-nos a mão, disse-nos ainda:

— Tudo corre normalmente: eis o principal. Todos os dias tenho noticias telegraphicas do General Tamagnini: póde affirmar que o moral das tropas portuguezas em França é excellente. E, se é possivel, a luta agora iniciada ha de robustecel-o mais ainda...

— Têm sido recebidas com grande applauso as noticias telegraphicas sobre a energica attitude do Governo brasileiro para com a selvageria allemã. Logo que os Estados Unidos declararam a guerra, constituiu-se uma commissão com o fim de organizar uma grande manifestação de sympathia á Republica Norte-Americana. Conhecida a noticia de que o Brasil rompera as relações diplomaticas decidio-se que a manifestação abrange tambem a florescente Republica Brasileira. As bandas de musica, e as numerosas collectividades, que adheriram, munidas dos seus estandartes e bandeiras, comparecerão, amanhã, domingo, 15 do corrente, pelas 7 horas da tarde, na praça de D. Pedro, onde se organizará o cortejo que dalli seguirá para a Embaixada do Brasil e para a Legação da America.

— Segundo uma communicação recebida pelo Governo, do Consul de Portugal na Corunha, sabe-se que, nas proximidades do Cabo Ortegal, foi torpedeada e afundada, por um submarino allemão, a galeota portugueza «Angos», pertencente a Antonio Pedro da Costa, da praça de Lisbôa.

Depois de quatro dias de grandes soffrimentos, chegaram ao porto de Ferrol o Capitão João Baptista Fernandes, o contramestre João Vieira, cozinheiro José Francisco Penedo e os marinheiros Alvaro Coelho Baptista, Pedro Fortes Figueira, João Viriato Alves Martins, Daniel Leão Bernardo, Charles Jones e Williams Walter (Inglezes) e mais *dous* Americanos.

Onze tripulantes que faltavam, incluindo o piloto Antonio Barroso, praticante José Santos, marinheiros Manoel Alcantara, Antonio Mattos, José Santos, Miguel Pereira, Alvaro Gomes e mais quatro marinheiros americanos, foram salvos pelo vapor hospital «Goorkha», a 26 de Março, e desembarcaram a 30 do mesmo mez em Avon Mouth.

— Como disse na minha ultima carta, as companhias de caminhos de ferro annunciaram que, por falta de carvão, eram obrigadas a reduzir consideravelmente o numero de comboios, e a Companhia de Caminhos de Ferro Portuguezes prevenio que dentro de poucos dias deriam supprimidos os rapidos para o Porto e Madrid.

Realizaram-se numerosas conferencias entre o Sr. Ministro de Hespanha, Ministro dos Extrangeiros, e Presidente da Commissão Executiva da Companhia, resolvendo-se que os rapidos do Porto e Madrid fossem prolongados até o fim do corrente mez. Este facto provocou enorme contentamento, chegando a trocar-se telegrammas de regozijo, com votos para que tal serviço não cesse e as circumstancias, que o forçam a suppressão, desappareçam. Hoje diz o *Diario de Noticias*:

«O Conselho de Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que hontem voltou a reunir-se, para sanccionar a prorogação, envidou esforços, aliás louvaveis, para ver se conseguia debellar a crise terrivel que a tal obrigará, no caso de encommendas de carvão, de ha muito feitas, não chegarem com a urgencia devida.

Devemos dizer como preito á verdade, que o Conselho desta Companhia ferro-viaria, prevendo a situação, fez, em devido tempo avultadas encommendas, não só na Inglaterra como na America do Norte, aonde chegou a mandar um seu agente especial, porém as difficuldades dos transportes, ultimamente aggravadas com a intensidade da guerra submarina, impedem a realização dos seus desejos, collocando-a na augustiosa situação em que se encontra, de reduzir o seu serviço de exportação por falta do importante factor da sua actividade — a hulha.»

— Reunio-se a assembléa geral da Companhia do Credito Predial Portuguez, sendo approvado o relatorio da ultima gerencia e o parecer do Conselho Fiscal, e dado um voto de confiança ao governo da Companhia, para a organizar dentro da orientação que expõz.

Depois de fallarem differentes oradores, que fizeram os mais calorosos elogios ao Governador, Sr. Souza Rodrigues usou este da palavra, agradecendo, e terminou pedindo autorização para a Administração collocar na sala os retratos dos fallecidos Conselheiro José Luciano de Castro, antigo Governador, e Marquez d'Avila e Bolama, antigo Presidente do Conselho Fiscal.

O Sr. Manoel Vargas propôz que se fizesse um busto em marmore ou bronze do Sr. Dr. Souza Rodrigues, para ser collocado em frente do retrato do fundador da Companhia, Duque d'Avila.

Ambas as propostas foram approvadas por acclamação.

Dando conta do que se passou no Credito Predial, escreveu o *Dia* um artigo, intitulado *A hora de justiça*, em que se encontram os seguintes periodos:

«Celebrava-se na assembléa de ante-hontem a reconstituição do Credito Predial Portuguez.

Estão pagos os seus antigos credores e — pagos foram tres annos antes de findo o prazo em que se convencionara pagar-lhes!

Obra grandiosa de reconstituição, que é um monumento em que ficam perduravelmente as figuras e os nomes dos que audazmente e com o mais glorioso exito a emprehenderam!

Com a espontaneidade e nobreza que lhe definem o caracter, o illustre Governador, Sr. Dr. João Albino de Souza Rodrigues ergueu-se então a declarar, durante a clarissima exposição que fez da actual situação daquelle já novamente poderoso estabelecimento — que tão conjugado está com os maiores interesses do paiz — que a prodigade pessoal dos antigos corpos gerentes tinha resaltado immaculada dos mais rigorosos exames feitos á escripturação da Companhia; e logo prestou ás suas intenções honrosas a melhor homenagem que poderiam ambicionar.

Então alguem — que está escrevendo estas pallidas linhas e a quem esse rasgo de isenção profundamente emocionara — lembrou e logo não faltou quem, applaudindo-o, assim propuzesse — que naquella sala e ao lado dos outros retratos fique o do actual e illustre Governador do Credito Predial.

De novo o Sr. Souza Rodrigues se levantou e passou-se esta scena impressionante: o successor de José Luciano de Castro pedio á assembléa geral uma unica *recompensa* dos seus trabalhos de tantos annos — e foi textualmente a palavra *recompensa* aquella de que usou S. Ex., com uma requintada delicadeza — e era que, se em alguma homenagem insistissem, a assembléa simultaneamente deliberasse consagrar a memoria honrada do antigo Governador José Luciano de Castro e do antigo Presidente do Conselho Fiscal o Marquez d'Avila, collocando os seus retratos ao lado dos seus illustres predecessores. E, sem discrepancia de um voto, com geral applauso, doda a assembléa se levantou, acclamando essa resolução que era uma nobre rehabilitação e um preito enternecido de saudade.

Dir-se-hia que a hora da justiça soara majestosamente, com a solemnidade augusta das fronteiras que a vizinha cathedral! Houve olhos, desacostumados de chorar, que se marejaram de lagrimas! E naquelle supremo minuto dir-se-hia que a visão do Além, divino e mysterioso, illuminava todos os espiritos, emquanto pulsavam apressadamente os corações.»

A «Capital» respondeu num artigo, dizendo:

«Se ha instituição, em que os vicios de administração monarchica patentemente se reflectissem, essa instituição é o Credito Predial, que alternativamente era gerido pelos dous principaes estadistas do regimen extincto, Chefes dos dous partidos em que elle sobretudo se apoiava, Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro.

Foi sob a administração deste ultimo que se verificaram os escandalos do Credito Predial, e precizamente porque nessa Companhia a politica monarchica tinha tão larga influencia, e fôra ella que a levara a uma quasi inevitavel «débacle», os republicanos apresentaram essa questão como uma questão nacional dando-lhe tamanha resonancia que o throno dos Braganças recebeu por esse motivo um dos seus maiores e definitivos abalos.

A Monarchia cahio, e a Republica fez o que devia: procurou salvar o Credito Predial, procurou que accionistas e obrigacionistas ficassem numa situação rasoavel. O Governo Provisorio resolveu dar todo o seu auxilio, conceder todas as facilidades para que o Credito Predial se salvasse, e levou a tal ponto a sua confiança que não pensou em estabelecer, como era seu direito, uma rigorosa fiscalização junto dessa companhia.

Pois bem! Como responde a este procedimento a Companhia do Credito Predial?

Responde hostilizando a Republica; responde fazendo a glorificação dos processos administrativos que a iam levando á irremediavel ruina, que outra cousa não significa a resolução de collocar o retrato de José Luciano de Castro em cada uma das suas sessões. E quem faz essa proposta é o mesmo Governador que se empenhou em reparar os erros e as fraudes da administração monarchica, no tempo em que governava a Companhia esse mesmo José Luciano de Castro,, e que se conseguio levar a bom exito os seus esforços o deveu ao auxilio desinteressado e leal tarão aos Governos da Republica.

. . . . . .

Colloca-se, pois, em antagonismo com a Republica a Companhia do Credito Predial. Não faltarão aos Governos da Republica meios para lhe fazer sentir quanto o seu incorrecto procedimento é um erro de que poderá arrepender-se.»

— Foi dado conhecimento aos Governadores Civis do continente, das instrucções do Sr. Presidente da Republica de, ainda no corrente mez, visitar todos os districtos e alli presidir a grandes reuniões, onde será estudado e resolvido o meio de conseguir uma larga e proficua organização dos serviços de assistencia em todo o paiz.

Nas referidas reuniões deseja S. Ex. pôr-se em contacto com as pessoas que melhor possam ajudal-o no generoso emprehendimento de assistir aos desvalidos.

S. Ex. não deseja fazer uma viagem ostentosa, mas tão sómente realizar, da maior util, o nosso sentido, vão ao encontro dos Governadores civis todas as Camaras Municipaes e quaesquer individualidades que aquelles magistrados julguem conveniente tomarem parte nas alludidas reuniões.

— No Ministerio da Marinha recebeu-se a noticia de haver sido afundado proximo de Bordéos o vapor «Caminha», ex-«Euripos», de 3.160 toneladas. O vapor, mettido a pique por um submarino, tinha 20 pessoas de tripulação, de que apenas foi victima o cozinheiro, de côr preta.

— A convite do Dr. Magalhães Lima reuniram hontem na Agencia Americana alguns Brasileiros e amigos do Brasil, afim de se resolver sobre as homenagens a prestar ao eminent; parlamentar brasileiro Irineu Machado, que proximamente visitará Lisboa. Foi-lhe recebel-o festivamente na estação do Rocio, offerecer-lhe um banquete e convidal-o a fazer uma conferencia num dos nossos principaes theatros. Afim de dar unidade aos trabalhos prévios de realização, ficou assim constituida uma commissão: Magalhães Lima, Henrique de Hollanda, Moreira Telles, Adriano Vasconcellos, João de Barros, Alfredo de Mello, José Augusto Prestes, Navarro da Costa e Arlindo Corrêa Leite.

— A convite do Chefe do Estado, reuniram-se no palacio de Belém os governadores civis dos varios districtos do paiz e muitos outros vultos proeminentes da Republica, afim de se resolver a melhor fórma de prestar assistencia á pobreza necessitada no momento tão critico, em que Portugal se encontra perante a conflagração européa.

O Sr. Dr. Bernardino Machado, que presidio á sessão, disse que o Governo, por intermedio do Ministerio da Guerra, tinha já tomado todas as providencias para as familias dos mobilizados.

E' preciso tratar agora da assistencia civil e discutirem-se os meios extraordinarios de que se deve lançar mão para tal se conseguir. E' esse o fim desta reunião.

Falou o Sr. Director Geral da Assistencia, fallaram muitos governadores civis, e entre esses o Sr. governador civil de Lisboa, cuja opinião vem publicada pelo «Diario de Noticias», nos termos seguintes:

«O Sr. Governador civil de Lisboa disse que a regulamentação do jogo resolvia por completo o problema de assistencia, visto representar uma grande contribuição para o Estado, ao mesmo tempo que restringia o numero de jogadores, moralizava o jogo e obrigava os viciosos a pagarem.

O Sr. Ministro do Interior é da mesma opinião do Sr. Dr. Lopes Fidalgo e entende que essa medida de grande urgencia representa a solução immediata da Assistencia.

A maioria das assistentes applaudio essa idéa, estando em desaccôrdo o Sr. provedor da Assistencia Publica, e o Sr. Joaim Inglez, este ultimo por reconhecer a sua impossibilidade devida a varias circumstancias que não aponta por julgar inopportunas.

Sobre o assumpto estabelece-se grande discussão, tendo por fim o Sr. governador civil do Porto chamado a attenção dos seus collegas para a disposição em que se encontra de fazer cumprir rigorosamente a lei de 1893, que determina que as fabricas onde trabalhem mais de 50 operarios estabeleçam «créches» para as crianças.»

Sob o titulo «Uma idéa nefasta», escreveu o «Mundo» um artigo, em que se lê:

«Na reunião generosamente promovida e presidida pelo Sr. Dr. Bernardino Machado, o Sr. governador civil, com o apoio do Sr. Ministro do Interior — informam as notas dos reporters — suggerio como maneira de arranjar verba a regulamentação do jogo. A inconveniencia deste alvitre, partido do chefe do primeiro districto do paiz, com o applauso do Ministro do Interior, apresentado alli mesmo em frente do primeiro magistrado da nação, é manifesta. Succede, porém, que esse alvitre não póde ser posto em pratica. Era o que faltava — o Estado republicano tratando tu cá, tu lá, com os batoteiros profissionaes, os banqueiros e os «croupiers», estabelecendo com elles as condições em que poderiam roubar os «pontos» transviados pelas tavolagens, permittidas como sérias emprezas industriaes! Seria extraordinariamente fantastico e extraordinariamente vergonhoso.

Ha questões moraes que não soffrem sequer ligeira discussão. Essa do jogo é uma dellas para o Partido Republicano Portuguez, desde os tempos da propaganda. Nunca o partido consentiria em semelhante regulamentação que os Congressos partidarios têm fulminado. Nenhum ministro do partido póde sanccionar essa regulamentação pelo respeito que deve ás resoluções partidarias. Assim, a questão toma um aspecto grave que deve levar quem suggerio o alvitre a não pensar mais no caso, retirando-o desde já da circulação.

O Partido Republicano Portuguez tem sido sempre coherente com os seus principios e com o esses processos. Na opposição como no poder, sabe o que deve ás suas tradições, á sua dignidade e não esquece quantas vezes combateu esse processo vergonhoso de arranjar dinheiro, quando, durante o regimen monarchico, elle circulava por ahi, como esperança muito amada dos batoteiros.

Como o assumpto continúa a apaixonar a opinião publica, vou transcrever as opiniões de mais alguns jornaes sobre a *Harmonia Iberica.*

A *Luta* escreveu:

«*A Opinião*, commentando a phrase, attribuida ao Rei da Hespanha pelo correspondente madrileno da *Capital* — *es un Alfonso que se despide de otro Alfonso* — diz que a «a campanha a favor da *união iberica* já está dando occasião ás affirmações mais comicas.

Se são comicas as affirmações não valerá agora indagar. O que é preciso accentuar é que a campanha da *harmonia iberica* é, para alguns, como os redactores da *Opinião*, equivalente á campanha a favor da *união* iberica...

Se assim é, se de tal *união* cuida alguem, *alto lá!* E para que não haja duvidas, bom é que se escureça já o caso. A *campanha* é a favor do estreitamento de relações? A *harmonia* vai até á *união?* Ou a *união* escapou da pena de quem tinha em mente que a *harmonia*, muito apertadinha, offereceria sempre o perigo de ser vista de algum dos lados como o primeiro passo para a *união?*

Em paz e harmonia vivamos com os nossos visinhos! Mas *unidos*, fazendo um só todo, *alto lá!*»

Manhã, referindo-se ao que escreveram *A Opinião* e *A Luta*, accrescenta:

«Pela nossa parte, não queremos enfileirar entre os «beaux esprits», sempre que nos cheguem aos ouvidos rumores de união iberica, tentada ás claras ou sob disfarce, tambem nos sentimos dispostos a bradar: «Alto lá!»

O Dia publicou uma entrevista com o illustre medico, Sr. Dr. Bittencourt Rodrigues, homem conhecidissimo no Brasil, o qual advogou a idéa de uma federação entre Brasil e Portugal. Lê-se no *Dia*:

— Que opinião fórma V. Ex. acerca da *harmonia iberica?*

— Para o problema da *harmonia iberica* ha, a meu vêr, dous pontos de vista inteiramente oppostos, no que diz respeito ao que verdadeiramente constitue os fundamentos de uma nacionalidade. Alguns Hespanhões parecem obedecer ao criterio ethnico e geographico; e neste grupo está o Sr. Felix Lorenzo. Emquanto que nós outros, Portuguezes, e com mais solidas razões, consideramos as nacionalidades não como individualidades ethnicas ou geographicas, mas simplesmente como individualidades historicas. E por isto eu entendo que, primeiro que tudo, precizamos saber — repito — o significado e o verdadeiro alcance desta phrase tantas vezes empregada pelo Sr. Felix Lorenzo: — «integração do espirito territorial».

— Mas sendo esses criterios tão differentes será possivel uma alliança?

— Não a julgo impossivel, nem desvantajosa, num futuro que se não póde prezicar, e desde o momento que ella tenda, perante as outras nações e perante o mercado mundial, a estabelecer em solidas bases do equilibrio politico, social e economico dos dous povos da peninsula.

— Essa alliança é, então, no parecer de V. Ex., uma cousa vaga, imprecisa! V. Ex. diz: — «num futuro que se não póde prezicar...»

— Certamente. Porque se não trata das relações que se pretendem estabelecer entre os dous povos, — chamemos-lhe *flirt*, porque o Sr. Felix Lorenzo até emprega o termo: *um minuto de amor*, — nem se trata de um verdadeiro *coup de foudre*. E' necessario, em primeiro lugar, que entre os dous povos se estabeleça uma temperatura moral que só póde resultar de um mais perfeito e mutuo conhecimento.

— Quaes são, na sua opinião, as vantagens praticas da harmonia iberica?

— Como já em tempos disse o illustre Presidente da Associação Industrial, Sr. Abolim Inglez, sendo Portugal e Hespanha paizes de producção analoga, precizamos comparecer estreitamente unidos e de perfeito accôrdo ante o mercado mundial. E quanto ao mais, obedecer ao mesmo criterio que levou o Brasil a approximar-se do Chile e da Argentina.

— Fallou V. Ex. da approximação de Brasil, do Chile e da Argentina. E' V. Ex. partidario de uma alliança com o Brasil, conforme diz o «Primeiro de Janeiro?

— De todo o coração. E dir-lhe-hei mesmo: talvez mais do que uma simples alliança.

— Então?!...

— Talvez de uma federação como a que William Stead defendeu na «Review of Reviews» entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

— ... Uma federação?!

— Olhe que a idéa não é inteiramente minha! Veja as seguintes palavras pronunciadas por Silvio Romero com respeito a este assumpto.

O Sr. Dr. Bettencourt Rodrigues mostrou-nos então este trecho, que fielmente coplamos:

«Alliança que não é uma utopia, como não é um delirio ver no futuro o imperio portuguez da Africa unido ao imperio portuguez da America, estimulados pelo espirito da pequena terra que foi berço de ambos.»

E o distincto homem de sciencia continuou:

— O que William Stead achava realizavel para a Inglaterra e os Estados Unidos, não vejo que o seja menos para Portugal e Brasil.

— Mas como realizar esse sonho ambicioso de uma nova Grande Lusitania? — inquirimos.

— E' certo que não é um problema de solução immediata, mas que me parece muito digno de meditação pelos que verdadeiramente se interessam pelo futuro do nosso paiz.

— E que vantagens resultariam dessa nossa federação com o Brasil?

— As que derivam das nossas proprias condições geographicas. E, depois, não seremos nós, Portuguezes e Brasileiros, pelo territorio de que fomos os primeiros occupantes e povoadores, pela raça, pela lingua, por tradições communs e pela identidade de sentimentos e caracter, não seremos nós, Portuguezes e Brasileiros, como que um só e mesmo povo? Quaes as incompatibilidades basicas que nos separam e impedem que se realize essa bella e grandiosa aspiração de Sylvio Romero, constituindo, Portugal e Brasil, de um e do outro lado do Atlantico, uma grande e nova Lusitania, á semelhança do que William Stead ambicionava para os Estados Unidos e a Inglaterra?

Contribuido para uma maior valorização dos nossos proprios recursos, e, conjugando ao nosso o seu valioso esforço para um mesmo destino commum, dar-nos-hia o Brasil, não como um humilhante amparo á nossa velhice, mas como pujante seiva de um mesmo tronco, os mais fecundos elementos e o mais poderoso estimulo para o nosso tão necessario e inadiavel resurgimento.

Mas é este um assumpto de que espero em breve poder tratar mais desenvolvidamente.»

GAZETILHA

Pedimos aos nossos assignantes cujas assignaturas findam a 30 do corrente, que mandem reformal-as antes desse dia, para que não cesse a remessa regular da folha.

CONGRESSO NACIONAL

SENADO — Com a presença de 43 Srs. Senadores foi hontem aberta a sessão do Senado, sob a presidencia do Sr. Urbano Santos. A acta da sessão anterior foi approvada sem debate. O expediente constou de uma mensagem do Sr. Presidente da Republica com os documentos e telegrammas sobre os torpedeamentos do *Paraná* e do *Lapa* e sobre a ruptura das nossas relações com a Allemanha.

Não houve pareceres.

O Sr. Adolpho Gordo: — Sr. Presidente, o brilhante matutino *Jornal do Brasil* publicou hoje a seguinte noticia:

«Os Deputados paulistas, membros da dissidencia, estiveram reunidos, hontem, á tarde, no edificio da Camara, para tratar da attitude que deveriam tomar em face da Convenção Nacional. Presumia-se que a resolução fosse de acceitação á formula já conhecida. Houve debate. Ficou resolvido que os dissidentes não compareceriam á Convenção, o que realmente aconteceu.»

Esta noticia obriga-me a usar da palavra por alguns minutos.

Effectivamente, hontem, á tarde, em uma das salas do edificio da Camara dos Deputados, reuniram-se os membros da antiga dissidencia paulista que representam S. Paulo no Congresso Nacional, mas limitaram-se a trocar idéas sobre a attitude que deveriam manter em face da Convenção, convocada para hontem mesmo, entendendo alguns que deveriam comparecer á Convenção e outros que não.

Eu e o illustre Deputado Dr. Francisco Alves dos Santos estivemos presentes áquella reunião e como comparecemos á Convenção, peço respeitosamente lic

— Queira aceitar minhas cordiaes saudações pela vossa indicação para Presidente da Republica no proximo quatriennio. — Saudações cordiaes. — Aristarcho Lopes.

— A representação de Sergipe nas duas casas do Congresso, e presente á grande Convenção que acaba de sagrar vosso nome á presidencia da Republica, vem, unida, e sob o pensamento do Governo e povo sergipano, apresentar-vos as mais cordiaes e sinceras felicitações pela alta prova de manifestação republicana ás vossas qualidades de patriota, de quem a Patria Brasileira espera os mais assignalados serviços á sua prosperidade e progresso. — Saudações. — Senador Siqueira de Menezes. — Deputados Serapião Aguiar, Antonio Rollemberg, Gilberto Amado e Esperidião Monteiro e Senador Pereira Lobo.

— A escolha de V. Ex. para futuro Chefe da Nação, no momento difficil que atravessa a Patria, é penhor seguro de dias felizes para a mesma. Brasileiro e republicano, sinto-me feliz com a escolha que encarna os sentimentos nacionaes em torno do benemerito Brasileiro, cuja vida tem sido de serviços inestimaveis. O paiz ha de glorificar o illustrado nome de V. Ex. eternamente. Saudações. — Coronel Figueiredo Rocha.

— Sinceras congratulações e respeitosos cumprimentos. — Annibal de Carvalho.

— Felicitações. — Sebastião Barroso.

— O Centro Academico da Faculdade de Direito, interpretando os sentimentos da mocidade academica, felicita-vos calorosa e sinceramente pela acclamação de vosso glorioso nome para dirigir no proximo quatriennio os sagrados destinos da Patria brasileira. — O Presidente Corioland Góes Filho.

— Os primeiros telegrammas desta Capital:

— Ao eminente Brasileiro e benemerito estadista indicado pela segunda vez ao cargo de supremo magistrado da Republica, rogo de aceitar com homenagens minha respeitosa estima, attenciosas e cordiaes felicitações que terei a honra de renovar pessoalmente. — Tavares de Lyra.

— Apresento a V. Ex., respeitosas saudações. — Deputado Antonio Nogueira.

— Congratulo-me com V. Ex. pela justa consagração de seu illustre nome na Convenção hontem reunida no Senado. — Antonio Rollemberg.

— Cumprimento V. Ex. pela nova prova de alta e justa confiança politica consagrando vosso abnegado patriotismo. — Deputado Simões Lopes.

— Minhas mais sinceras e effusivas felicitações pelo solemne e unanime pronunciamento da Convenção de hontem. Saudações. — Floriano Brito.

— Cumprimento ao eminente Brasileiro pela patriotica indicação de seu nome para o elevado cargo de supremo magistrado da nação. — J. Lamartine, 2º Secretario da Camara.

— Queira receber V. Ex. meus cumprimentos sinceros pelo resultado da Convenção de hontem, onde o nome do eminente patricio foi unanimemente indicado ao suffragio nacional como o mais digno e opportuno para dirigir os destinos de nossa grande Patria no proximo quatriennio. Saudações cordiaes. — Deputado Mavignier.

— Congratulações pessoaes á memoravel assembléa politica que hontem unanimemente sagrou vosso nome para dirigir pela segunda vez os destinos Republica, apresentamos ao venerando e eminente amigo as nossas respeitosas e muito sinceras felicitações. — Deputados Eduardo Studart, Gustavo Barroso, Frederico Borges.

— Queira aceitar nossas felicitações sinceras pelo resultado da convenção de hontem, escolhendo o nome de V. Ex. para Presidente da Republica no quatriennio proximo. Saudações affectuosas. — Walfredo Leal, Simeão Leal.

— Queira V. Ex. aceitar minhas sinceras felicitações pela merecida indicação ao preclaro e venerando nome para Presidente da Republica quatriennio governamental vindouro, indicação esta que, estou bem certo, será bem recebida pelos meus amigos politicos do Estado que represento e que constituem a grande patria republicana mato-grossense. Cordiaes saudações. — Deputado Pereira Leite.

— Felicitações. — Olympio Valladão.

— Queira V. Ex. aceitar meu sincero parabem pela justa homenagem que vem de ser prestada ao nome illustre de V. Ex., pela quasi unanimidade das verdadeiras forças politicas do paiz. Attenciosas saudações. — Deputado José Augusto.

— Peço venia para apresentar a V. Ex. cordiaes felicitações pela justa homenagem prestada hontem a V. Ex. com o voto unanime da Convenção nacional. — Maximiano Figueiredo.

— Queira V. Ex. aceitar minhas felicitações muito sinceras pela evidentissima prova de preço a que a V. Ex. dergue hontem a Convenção, proclamando por unanimidade de votos o seu respectivo nome aos suffragios do eleitorado do Brasil e sel-o-ha infallivelmente porque V. Ex. no seu primeiro periodo governamental prestou á nossa cara patria os mais relevantes serviços de toda ordem, que seria uma série que não terminaria nunca quer sempre portando-se com uma honestidade sem jaça, quer na ordem politica e administrativa da Republica. Eu saudo a V. Ex. com verdadeiro enthusiasmo e calor. — Pedro Borges.

— Minhas calorosas felicitações pela indicação do nome de V. Ex. para candidato a primeiro magistrado da nação, que mais uma vez espera da alta capacidade de V. Ex. bem assignalados serviços. — Virgilio Brigido.

— O condiscipulo que sempre applaudio vosso valor moral e intellectual no curso academico ao lado de Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e Affonso Penna e outros, vos felicita pela acertada escolha para futuro Presidente da Republica exprimindo o Congresso o sentimento geral dos nossos concidadãos. — Abreu Lima.

— Apresento a V. Ex. minhas felicitações pelo voto da convenção de hontem, que o indica ao eleitorado brasileiro para mais uma vez gerir os destinos do Estado. — Aurelino Leal, Chefe de Policia.

— Tenho a subida honra de apresentar venerando e eminente patricio, com os meus respeitosos cumprimentos, a expressão da parte que tomo nos impulsos de elevado patriotismo com que a nação reclama novos serviços ao seu benemerito e grande filho. — Oliveira Rocha.

— Apresento a V. Ex. minhas respeitosas homenagens no momento em que não só felicito minha patria como dou graças a Deus, que conserva cheio de vida o homem indispensavel nesta hora nacional. — Sebastião Sampaio.

— Apresento a V. Ex. sinceras felicitações pela justa homenagem da Convenção Nacional, hontem reunida. — Marechal Argollo.

— Queira V. Ex. aceitar respeitosas congratulações pelo seu acto de abnegado patriotismo, aceitando a indicação de seu illustre nome para segunda presidencia Republica. Permitta Deus seja ella tão feliz e fecunda como a primeira, em tudo gloriosa. — Edmundo Veiga.

— Saudo V. Ex. escolhido pela segunda vez alto cargo Presidente Republica. Saudações muito affectuosas. — Coronel Julio Cezar.

— Sinceras congratulações. — Getulio das Neves.

— Aceite V. Ex. sinceras congratulações pela indicação de seu glorioso e abençoado nome para dirigir destinos Republica e mais uma vez honrar a patria que tanto espera do seu dilecto filho. Saudações cordiaes. — Augusto Carvalho.

— Applaudindo a patriotica escolha do nome de V. Ex. afim de dirigir o Brasil no futuro quatriennio, rogo aceitar vivissimas respeitosas felicitações. — Belisario Tavora.

— Com grande convicção dou parabens ao paiz pela feliz indicação de vosso nome neste momento difficil para dirigir no futuro quatriennio os nossos destinos. Deus o guarde e os Brasileiros saberão agradecer. Respeitosas saudações. — Machado de Mello.

— Vivas congratulações pela segunda e honrosa indicação presidencia Republica, sem exemplo Brasil, patriotica aceitação sacrificio repouso commodidades bem Patria. — Francisco Bernardino.

— Pela consagração merecida escolha vosso nome venerando guiar destinos Patria futuro Governo saudo-vos contente velho companheiro Constituinte. — Uchôa Rodrigues.

— Aceite minhas sinceras felicitações pela indicação nome V. Ex. para o alto cargo futuro Presidente Republica. Faço votos a Deus pela sua saude e que o seu futuro governo seja tão propicio como dos annos de 1902 a 1905. Saudações — Marcondes de Souza.

— Tenho a honra apresentar V. Ex. respeitosas felicitações. — Victor da Cunha.

— Jubiloso por vêr a Convenção Parlamentar indicar o nome de V. Ex. para candidato á presidencia da Republica, confirmando assim a aspiração do povo brasileiro, felicito a minha patria, que mais uma vez irá recolher os beneficios da administração de um estadista notavel, a quem ella já deve muitos e relevantes serviços. — Elpidio Figueiredo.

— Sinceras e cordiaes felicitações brilhante homenagem prestada altos e reconhecidos meritos V. Ex. — Mario Cardoso de Castro.

— Apresento V. Ex. meus respeitosos cumprimentos e parabens pelo brilhante resultado da Convenção de hontem. — Neemio da Silveira.

— Felicito effusão enthusiasmo indicação unanime nome presado amigo alto posto Republica, onde mais uma vez brilhará, sacrificando-se em bem da patria, que tudo espera preclaro cidadão neste momento angustioso. — Francisco Balthazar da Silveira.

— As mais vivas saudações pela indicação nacional volta Presidencia Republica. — Raul Martins.

— Queira V. Ex. aceitar as felicitações do muito admirador e velho amigo. — M. Fleiuss.

— Congratulo-me com o Brasil pela inspirada escolha do nome de V. Ex. para o cargo que com tanto brilho e patriotismo já exerceu. — Almirante Francisco de Mattos.

—Congratulo-me V. Ex. criterioso resultado imponente convenção hontem. — Arrochellas Galvão.

— Sinceras felicitações do — Coronel Souza Aguiar.

— Permitta V. Ex. que o cumprimente cordialmente pela escolha do vosso glorioso nome para Presidente da Republica. Saudações cordiaes. — Almirio de Campos.

— Felicitando eminente amigo honrosa e merecida escolha Convenção, peço aceitar expressões minha fé Brasil muito progredirá caminho seus maravilhosos destinos, sob serena energia fecunda presidencia V. Ex. Cumprimentos respeitosos. — Hamilton Barata.

— Como Brasileiro felicito a Nação pela feliz escolha de V. Ex. para Presidente no futuro quatriennio. — Cumprimentos respeitosos. — M. Lopes da Silva.

— Constante admirador virtudes civicas V. Ex. em nome municipio Friburgo, congratulo Nação momento confia quatriennio V. Ex., seus grandiosos destinos. — Dr. Galdino Filho, Presidente da Camara.

— Ao venerando eminente estadista meus respeitosos cumprimentos. Felicitações pela justissima homenagem representantes Nação. — Hilario de Gouvêa.

— Com o maior contentamento apresento a V. Ex. as minhas congratulações, indicação alta magistratura Paiz. — 1º Tenente Pedro Cavalcanti.

— De absouto, porém, sincero admirador, queira V. Ex. aceitar felicitações voto convenção nacional. — Oliveira Borges.

— Cordiaes felicitações do patricio e amigo — Benedicto Bueno.

— Queira V. Ex. aceitar os respeitosos cumprimentos de — José Roberto Filho.

— Affectuosos cumprimentos — Alves Castro.

— Sinceras congratulações indicação applaudindo enthusiasmo candidatura eminente Brasileiro. Respeitosas saudações. — Gustavo Farneze.

— Felicito a Nação Brasileira na pessoa V. Ex. pela indicação do seu nome, cheio de serviços ao paiz, ao cargo de futuro Presidente da Republica. — Murillo Fontainha.

— Na pessoa presado amigo felicito o meu Estado que com tão preclaro filho fará a prosperidade da Republica. — Isidoro Campos.

— Felicito V. Ex. acertada escolha convenção nacional. — Augusto Sisson, Coronel Commandante da Escola Militar.

— Envio venerando patricio meu sincero jubilo de Brasileiro e de amigo pela sua brilhante sagração como benemerito da nação. — Affonso Penna Junior.

— Queira V. Ex. aceitar minhas effusivas felicitações pela indicação seu prestigioso nome suffragio eleitorado para primeiro magistrado nação futuro quatriennio governamental. Respeitosas saudações. — Chefe Policia, Vieira Marques.

— Sinceras felicitações. — Olintho Ribeiro.

— Partilhando justo contentamento da patria pela acertada escolha de seu futuro chefe, apresento V. Ex. os meus respeitosos cumprimentos. — Sá Earp.

— Cumprimentos e felicitações. — Sergio Loreto.

— O Sr. Deputado Marçal Escobar telegraphou ao Sr. Rodrigues Alves communicando que, não tendo podido estar presente á hora em que, na Convenção, se suffragava o nome de S. Ex., esperava pela eleição, para votar em tão digno candidato.

BRASIL-PARAGUAY

A actual situação, creada pela irrupção do conflicto entre os Estados Unidos e a Allemanha, estendendo ao territorio da America a guerra, que, ha tres annos, vem devastando a Europa, e que deu lugar ao gesto recente do Brasil rompendo a sua neutralidade em face daquelle conflicto, num largo e franco movimento de solidariedade continental, vem tornar opportuna toda e qualquer manifestação no sentido de reforçar e dar significação a este movimento de apoio mutuo das nações americanas, tão serenamente exposto na nota recente do Chanceller brasileiro, Dr. Nilo Peçanha, dirigida ás nações amigas sobre a directriz seguida pela politica internacional do Brasil neste momento.

E' de toda a opportunidade, portanto, nesta occasião, destacarmos quaesquer manifestações, que, dizendo respeito ás idéas de solidariedade americana, vinham ao nosso conhecimento, quer por documentos officiaes, quer em publicações jornalisticas.

E' assim que julgamos dignos de maior publicidade os conceitos traçados sobre o assumpto, na ceremonia da entrega das credenciaes do Sr. Cardoso de Oliveira, novo Ministro Brasileiro em Assumpção.

Esta solemnidade realizou-se em 16 do mez passado, merecendo destaque os discursos pronunciados, nessa occasião, pelo representante do Brasil e pelo Presidente da Republica Paraguaya, Dr. Manoel Franco.

Ambos os discursos não se restringiram á fórma inexpressiva e protocollar usada em semelhantes occasiões. Fugiram ao commum dos textos dos discursos diplomaticos, para exprimir idéas, que, dado o momento actual e as circumstancias em que foram pronunciados, têm, a par da sua opportunidade, a mais alta significação.

Em ambos os discursos foram claramente expressas as idéas de solidariedade e approximação entre as nações americanas, hoje tão repetidas e invocadas em face da gravidade do actual momento internacional e da attitude por nós recentemente assumida ante o conflicto teuto-americano.

As expressões de sympathia ao Brasil, manifestadas pelo Sr. Dr. Manoel Franco, Presidente do Paraguay, damol-as á publicidade com tanto maior prazer quanto reconhecemos o esforço que vem sendo habilmente executado, por uma acção constante e intelligente, desenvolvida pelo actual Encarregado de Negocios do Paraguay entre nós, Sr. Silvano Mosqueira, no sentido de promover cada vez mais o estreitamento das relações intellectuaes e de ordem economica entre o seu paiz e o nosso.

Como dissemos, os dous discursos pronunciados naquella solemnidade, se afastaram da praxe commum das fallas insulsas do protocollo.

Logo no começo do seu discurso, o nosso Ministro Sr. Cardoso de Oliveira fez uma eloquente affirmação da sua fé no futuro e nos resultados dos ideaes americanos:

«Sou um crente fervoroso dos altos destinos dos paizes americanos, em cujos sólos abençoados e fartamente dotados de todos os bens que podem fazer a felicidade de seus habitantes, nacionaes ou extrangeiros, dir-se-hia haver-se refugiado, nesta hora grave de angustias universaes, confiante e segura a Lei dos Povos, esperando a opportunidade, já proxima, para voltar a luzir com maior fulgor.»

Para justificar este conceito, disse o nosso Ministro em Assumpção, cumpre que cada uma das nações da America cultive com carinho e affecto fraternal, com perfeita comprehensão mutua e reciproco conhecimento, o desejo de ser util ás suas irmãs do continente, sem moveis subalternos, praticando francamente a diplomacia, de coração aberto, sem outras aspirações individuaes que não sejam as emulações legitimas, isentas de rivalidade, que redundem em proveito e realce de toda a familia americana.

Respondendo a esse discurso, o Presidente da Republica do Paraguay, depois de exprimir as suas sympathias pelo nosso paiz — «uma das nações de mais intensa acção historica e de mais avançadas instituições deste continente» — assim se manifestou sobre os ideaes e aspirações da America livre:

«Comdpartilho, sinceramente, Sr. Ministro, os vossos pensamentos e participo das vossas esperanças. O grande dia da America será, no futuro, aquelle em que, espiritualizados por força de um cultivo mais intenso das relações, que unem todos os povos, ao mesmo tempo que revigorados por uma coordenação mais forte de seus interesses economicos, e dissipadas as ultimas prevenções que entre elles existam, pela acção de uma estreita communhão moral, se possa acreditar que é chegado o momento de substituir a formula scientifica da solidariedade pela formula mais nobre e christã da fraternidade dos filhos da America, a qual, hoje mais do que nunca, devemos aspirar com profundo anhelo.

Nessa obra, a que todos devemos pôr hombros com perseverança e desinteresse, a contribuição principal talvez caiba a essa diplomacia, que tão eloquentemente preconizais e que haveis resumido na feliz designação de *diplomacia de coração aberto.*»

O discurso do Presidente da Republica paraguaya respira todo elle essa elevação de sentimentos, repassada de idealismo, inspirado no mais puro espirito de fraternidade americana.

Todo elle está pontilhado de vivas manifestações de sympathia ao nosso paiz e ao nosso povo.

Os jornaes de Assumpção publicaram longas noticias da solemnidade, reproduzindo na integra os dous discursos, de cujas linhas geraes procuramos dar nessa noticia um rapido resumo.

DR. ARTHUR BERNARDES

Os Deputados federaes pelos diversos Estados da União que residem no Grande Hotel da Lapa offereceram hontem, á noite, um banquete intimo ao Sr. Dr. Arthur Bernardes, representante do Minas Geraes, aproveitando o ensejo de sua chegada a esta Capital, pela primeira vez, depois que o nome de S. Ex. surgio nas cogitações para a futura presidencia daquelle grande Estado.

Em nome de seus collegas fallou o Deputado federal paulista Dr. Carlos Garcia, que, em rapidas palavras, saudou o homenageado, explicando os motivos que os induziram a externar por aquella fórma, a admiração, o affecto e o respeito que lhes merecia o illustre e operoso companheiro de trabalhos legislativos e o bello convivente de tantos annos sob o mesmo tecto, no momento em que o seu nome surgia apontado por seus co-estadoanos, para a successão do Sr. Dr. Delfim Moreira, Presidente de Minas.

Estavam todos alli, disse, sem preoccupações politicas e sem sentimentos de regionalismo, tão apenas unidos pelo são desejo de homenagear o merito numa das suas mais perfeitas personificações.

Respondeu agradecendo o Sr. Dr. Arthur Bernardes. Bem sabia e bem conhecia os sentimentos de seus collegas de Camara, cuja bondade e cuja generosidade, no muito tempo que convivíam juntos, tinha tido reiteradas occasiões de admirar.

Enternecia-se, assim, o acellava de coração á larga aquella demonstração de apreço. E, se bem que a indicação de seu nome para a futura presidencia de Minas não passasse de uma presumpção, como soldado disciplinado que é, poderia affirmar que, caso ella se effectivasse, saberia respeitar as ordens do seu partido e tudo faria, então, por corresponder á confiança de seus amigos e correligionarios.

Por ultimo falou o Dr. Waldomiro Magalhães, que ergueu o brinde de honra aos futuros candidatos á presidencia e á vice-presidencia de Minas.

O GRANDE DESASTRE DA RUA SILVA JARDIM

Está virada a primeira pagina do epilogo da tristissima desgraça que tão profundamente commoveu a população desta cidade: o desabamento do New-Yor Hotel, em construcção na esquina das ruas da Carioca e Silva Jardim. Referimo-nos ao enterro de algumas das victimas que enchiam o Necroterio, e sobejavam.

O caso capital do momento fôra o grande desastre, que desviara da attenção publica os outros assumptos e ficara em fóco, preterindo tudo, para commover e fazer fallar da fatalidade inexoravel. Não haviam sido, no desastre da rua Jardim, poupadas vidas utilissimas, que eram preciosas para as proles ora orphanadas, gente innocente e boa, que vivia do seu e para o seu trabalho. Não fôra, no terrivel sinistro, poupado o constructor distincto, cuja brilhante fé de officio se attesta com a obra considerável de seus quarenta e cinco annos de architecto, nos quaes levantou mais de dous mil predios de construcção solida e elegante.

Em torno do grave acontecimento giraram, durante todo o dia de hontem, os commentarios, as conversas, a magua da cidade, que não se habitua a esses golpes tremendos, a essas catastrophes que dizimam a população tão violentamente.

A attenção que se volvera a principio para os feridos e para os mortos, concentrou-se afinal nestes e a pergunta, que andava na boca de toda a gente, era a do numero das victimas retiradas dos escombros.

Se no primeiro momento o boato avultou, exagerando o numero de mortos, com o correr das horas esse numero foi por sua vez crescendo e, hontem á tarde, havia no Necroterio 40 cadaveres. Um delles era de um operario que apenas sahira ferido do sinistro. Medicado no Posto Central da Assistencia Publica, fôra em seguida removido para a Santa Casa e ahi fallecera.

Foi então transferido para o Necroterio.

Assim haviam, [illegible] sahido mortos dos ruinos do predio da rua da Carioca e Silva Jardim, 39 homens.

Era evidentemente demasiado o numero de mortos, relativamente ás proporções do Necroterio, que não possue mesas para tantos corpos.

Por isso o espectaculo que hontem offerecia aquella repartição mortuaria era, só com a exhibição dos cadaveres agglomerados, de impressionar fundamente. A extensão da infelicidade, alli accentuada na presença dos mortos, alcançou os vivos que lá foram movidos por piedade ou curiosidade. Mais não seria preciso para amollecer o coração dos proprios empregados do Necroterio, habituados a lidar diuturnamente com os restos humanos.

Havia, entretanto, para sensibilizar mais os espectadores, o espectaculo das familias dos mortos, os seus lamentos, os gemidos, a dor profunda manifestada num côro e num pranto irreprimiveis, que crescia cada vez mais, com a cooperação communicativa da magua absorvente, espelhada em todas as physionomias, traduzida em todas as phrases, inundada de todas as lagrimas.

Esperavam a sahida do enterro, marcado para as quinze horas, enterro, que seria feito a pé, com acompanhamento da multidão compungida.

Emquanto, porém, não sahia a procissão dos esquifes, o povo comprimia-se dentro e fóra do Necroterio. Na rua da Relação, para garantir a ordem e evitar atropelos, a policia fez um cordão de isolamento, atrás do qual o povo se apertava, esperando, esperando.

O CORTEJO FUNEBRE — Afinal, soada a hora, formou-se o cortejo funebre, pôr entre a massa compacta de povo que enchia, de um a outro extremo, a rua da Relação. Formou-se o prestito com difficuldade. A' frente tomou logar o pavilhão da Confederação Operaria Brasileira e em seguida, empunhados por socios commissionados para tal fim, os pavilhões do Centro Cosmopolita, Trabalhadores em Trapiches e Cafe, União dos Marceneiros, Resistencia dos Cocheiros, Empregados em Padarias, Operarios de Pedreiras, Fundição Indigena e Artistas Sapateiros.

Iam tambem commissões de outras sociedades com corôas em cujas fitas se liam palavras de homenagem aos mortos. Contavam-se outras corôas, entre ellas as mandadas pôr no feretro dos infelizes pela firma Januzzi, Filhos & C. e outras mais, para «José Pedrosa, saudade de seu pai e irmãos», «Domingos José Ferreira, saudade de sua filha Gloria e de seu genro», «Antonio de Souza, saudade de seus filhos», «Henrique Marques dos Santos, saudade de seu cunhado», «João Santiago, saudade de sua mãe e de sua esposa» «José Rodrigues, saudade de seu sobrinho Costa».

A multidão descobrio-se e o cortejo moveu-se, sendo os caixões mortuarios conduzidos da seguinte maneira:

Da victima José Mello Martins, por Antonio Cardoso, José Expozito, Manoel José Darquem, José Guedes e Salvador Andrade; de José Pinto da Silva, por Francisco Madureira, João Cardoso, Affonso Gonçalves, Pedro da Costa, Oscar Nabuco e um membro da Guarda Civil; de Antonio de Souza, por Manoel Nunes, Abreu Oliveira, Figueiredo Bastos, José Costa, Francisco Santos e Wenceslão Andrade; de José Rodrigues, por Joaquim Marques, Alfredo Neves, Joaquim Manso dos Santos, José Cardoso, Antonio Chaves; de Henrique Marques dos Santos, por Albino Cardoso Ferreira, Bricio de Almeida, Manoel Cornelio, Joaquim Santos, Francisco Lisboa e Joaquim Dias; de José Pedrosa, por Joaquim Ferreira, Sylvio Domingues, Antonio de Souza, Antonio Silveira, Antonio Lopes de Mello, Alberto Guerra e Manoel Machado; de José Almeida Oliveira, por Gracindo Teixeira, Manoel Pedrosa, João Teixeira, José Nunes, Anthero Palma e Pedro Moura; de José Telles Granado, por João Francisco, José Teixeira, Mario das Neves, Ricarda Ramos, José Santos e José Ribeiro; de André Laguta, por Augusto Soares, Delfim Affonso, José Porta, Abilio Loureiro e dous membros da Guarda Civil.

Entre a multidão, encarregados de manter a ordem com o 2º delegado auxiliar, o inspector de vehiculos, inspector do Corpo de Segurança Publica, o delegado do 14º districto e numerosos guardas civis.

O cortejo sahio da rua da Relação, entrou na Gomes Freire, na Visconde do Rio Branco, na praça da Republica, na rua Senador Euzebio, na avenida do Mangue, atravessou o bairro de S. Christovão e chegou ao cemiterio de S. Francisco Xavier ás 17 e meia horas, quando cahia a noite.

— O Sr. Ministro das Relações Exteriores fez-se representar pelo Dr. Adriano de Souza Quartin, do seu Gabinete.

NO CEMITERIO — Apenas entraram os esquifes no cemiterio, os empregados da necropole verificaram os papeis que os acompanhavam e todos, menos o morto João Pinto da Silva, que não era acompanhado de documento exacto, devido a alguma inadvertencia anterior, seguiram para o repouso eterno, em covas visinhas, no fundo, depois de subido um pedaço de morro.

O cadaver de João Pinto da Silva ficou depositado na capella para ser hoje sepultado.

No momento em que os outros foram dados á sepultura alguns operarios fizeram discursos, exprimindo a magua do desapparecimento dos companheiros, na fôrça de sua vitalidade e no exercicio de seu trabalho. Varias dessas orações se revestiram de um tom de violencia, no qual o capital e a sociedade, tal como ella é, eram injuriados.

A's 7 horas terminou a solemnidade do enterramento.

OUTROS MORTOS QUE FORAM PARA O CEMITERIO — Dos infelizes mortos que, encontrados nos escombros, foram removidos, tres, Americo Ferreira, Thomaz Marinho Machado e Miguel Malucci, foram reclamados pelas familias. Das casas respectivas sahio-lhes o enterro, e elles chegaram tambem ao anoitecer ao cemiterio.

OS CADAVERES NO NECROTERIO — A' tarde, no momento de maior agglomeração no Necroterio, eram os seguintes os cadaveres que alli se achavam:

João Domingos dos Santos, branco, Portuguez, 35 annos, carpinteiro, casado, entrado como desconhecido hontem, residente á rua Riachuelo n. 31;

José de Oliveira, Portuguez, casado, estucador, 32 annos, residente á rua Pereira de Almeida n. 147;

José Domingos Pedrosa, branco, solteiro, residente á rua Pinho n. 15;

Antonio Pinto do Couto, 18 annos, solteiro, residente á rua D. Carlos n. 113, casa 1;

Americo Ferreira, branco, 15 annos, solteiro, residente á rua Frei Caneca n. 5;

Joaquim Branco, 58 annos, casado, residente á rua Navairo n. 206;

Henrique Marques dos Santos, 30 anos, casado, Portuguez, residente á rua S. Pompeu n. 55;

Antonio Souza, 55 annos, casado, Portuguez, residente á rua Visconde de Sapucahy n. 288;

Thomaz Machado, 51 annos, solteiro, residente á rua Carolina n. 22, de nacionalidade brasileira;

André Lagusta, branco, com 44 annos, solteiro, Italiano, residente á rua Frei Caneca;

João Pinto da Silva, Portuguez, solteiro, com 18 annos, residente no morro de São Carlos;

Abilio Corrêa Braga, Brasileiro, 35 annos, casado, carpinteiro, residente á rua do Pinheiro n. 82;

Miguel Melucci, branco, 21 annos, solteiro, Italiano, residente á rua General Caldwell n. 196;

Baptista Mandorane, com 55 annos, casado, Italiano, morador á rua da Misericordia n. 56;

Americo Respino, branco, 22 annos, solteiro, Brasileiro, residente á rua Visconde de São Vicente n. 2 A;

Manoel Troba, branco, com 24 annos, casado, Italiano, residente á rua Oriente numero 37;

Augusto de Oliveira Cunha, Brasileiro, 25 annos, casado, residente á rua Christovão Penha n. 60;

José Felix Granado, 17 annos, solteiro, Brasileiro, residente á rua Cascadura n. 46;

João Santiago, Brasileiro, 29 annos, casado, portuguez, residente á praia de Santa Luzia n. 210;

José Rodrigues, branco, 35 annos, casado, Portuguez, residente á rua Paraná numero 96;

Domingos Pereira Fragoso, branco, 33 annos, casado, residente á rua Barcellos n. 43;

Domingos José Ferreira, 58 annos, casado, branco, portuguez, residente á rua Marquez de Abrantes n. 82;

Saviryo Virzillio, 65 annos, casado, Italiano, residente á rua Paraizo n. 62;

Waldemiro Soares Pereira, pardo, Brasileiro, solteiro, 18 annos, residente á rua do Laboratorio n. 49;

João de Barros, 31 annos, branco, solteiro, Brasileiro, residente á rua Viuva Claudio n. 1.913;

José Manoel Martins, branco, 63 annos, casado, Portuguez, morador á Villa Marechal Hermes;

Leonardo Pereira, pardo, 30 annos, solteiro, Brasileiro, residente no Meyer;

Natal Lago, 22 annos, solteiro, Brasileiro, morador á rua Cascadura n. 17;

José Guerreiro, branco, 50 annos, casado, Italiano, morador á rua Visconde de Itaúna n. 111, casa 1;

Manoel Pinho, branco, 57 annos, casado, Portuguez, residente no Estado do Rio;

Romeu Virgilio, branco, com 12 annos, morador á rua Paraiso n. 62;

Francisco Antonio, branco, 56 annos, residente á rua Benedicto Hippolyto n. 57;

Armando Fontes da Fonseca, Brasileiro, 27 annos, solteiro, residente á rua Assis Carneiro n. 79;

Miguel Relvas, que passava na occasião do desastre, menor de 14 annos, Portuguez, branco, entregador de pão da Padaria Popular;

João Cebola, branco, de 40 annos, casado.

Francisco Pinto de Azevedo, casado, de 32 annos.

Joaquim Romero, branco, Portuguez.

O LOCAL DO SINISTRO — Continuou intensa a curiosidade publica, em torno do predio desmoronado na rua da Carioca, esquina da rua Silva Jardim.

O cordão de isolamento, estabelecido na vespera, deixando livre para o trabalho do desentulho o trecho da praça Tiradentes, que vai da rua Luiz Gama até á rua Sete de Setembro, excluido o jardim, continuou durante o dia de hontem, confiado a uma turma numerosa de guardas civis. Por fóra do limite traçado pelas autoridades, o povo, que sempre se renovava, passou todo o tempo, desde os primeiros momentos em que foi conhecida a noticia do grande desastre.

Muita curiosidade e magua evidente pela desgraça que encheu de luto tantas dezenas de lares.

Dentro do perimetro limitado pelo cordão de isolamento trabalhou-se incansavelmente durante a tarde e a noite de ante-hontem, o dia e a tarde de hontem.

A turma de trinta bombeiros que alli funccionou removendo as ruinas sob a direcção do Capitão Adelino, foi ás seis horas de hontem substituida por outra, commandada pelo Alferes Frederico.

O 2º Delegado Auxiliar, que alli compareceu logo que se deu o sinistro, conservou-se no local, dirigindo o serviço da policia até ás seis horas de hontem, e, assim como essa autoridade, o delegado do 4º districto e os Commissarios Paula Ramos e Santos Lima, que ficaram até ao meio-dia.

Outros que permaneceram firmes, assistindo ao trabalho penoso da desobstrucção, foram os Srs. Souza e Silva e Silva Porto, da Limpeza Publica, os quaes viram, com as outras pessoas que acompanham as peripecias daquelle serviço, a retirada de 36 cadaveres dos escombros.

Hontem pela manhã, o trabalho dos bombeiros, dos empregados da Limpeza Publica e dos operarios da Light and Power foi suspenso, por ameaçarem cahir duas vigas mestras. Para retiral-as e sir assim evitado o perigo da queda, uma turma de bombeiros gastou quasi uma hora.

A' mesma hora, a turma de trabalhadores da Limpeza Publica foi substituida.

Ao meio-dia, appareceu, emergindo da caliça, sob os blocos de tijolos, debaixo de vigas de ferro e pedaços de madeira, um braço de homem. Era o 37º cadaver que se encontrava.

Foi então feito o possivel para ser o infeliz operario retirado, para ir para o Necroterio. O trabalho se fez com cuidado, em torno do extincto, mas o desentulho apresentou, de repente, um perigo gravissimo.

Com a excavação, as vigas de ferro, que estavam apenas apoiadas nos escombros, venceram algum espaço e a parede grossa de que ellas nasciam, encostada á parede lateral da casa n. 87 da rua da Carioca, soffreu, com o puxão, um abalo. Os dirigentes do serviço cuviram um estalo e os operarios foram mandados sahir immediatamente.

Via-se bem, e não era preciso ser technico, que se continuasse a excavação, a immensa parede ruiria e sepultaria sob seus destroços outras dezenas de operarios.

Parou então o serviço para que entrassem os bombeiros com o seu contingente, a sua experiencia e a sua habilidade. Foi passada uma corda num pedaço de muro alto, ligado á parede a cahir e os operarios, em grande numero, se occuparam em puxar o bloco formidavel. A parede ia cahir. O cadaver, cujo braço appareceu ia ficar de novo sepultado nos escombros pesadissimos do predio.

Esse serviço não se fez sem difficuldade. Ainda assim, o que se conseguio, foi fazer desabar um grande pedaço do bloco do becco da Carioca. O perigo diminuio e o desentulho pôde ser feito com relativa segurança. O cadaver foi retirado e o serviço terminou ao anoitecer.

Foi então retirado o cordão de isolamento. Os bonds passaram a trafegar pela rua da Carioca, o que não fazia desde as 7 horas da manhã do dia 7, e o povo affluio para o lugar onde, trinta e seis horas antes, se erguia ainda, sem offerecer perigo, o arcabouço dos andares do Nova York Hotel.

O lugar estava, então, fartamente illuminado por quatro cordões de poderosas lampadas, fornecidas pela Light and Power, e defendendo o trecho occupado pelo entulho, horas antes, achava-se, guarnecendo-o militarmente, uma força da Brigada Policial.

Apezar de ter cessado o trabalho da remoção dos escombros e de estar restabelecida naquelle ponto a vida normal da cidade, o povo affluio com grande curiosidade, como a querer saber mais do que aquillo que sobre o caso já haviam noticiado as folhas vespertinas.

VALORES ENCONTRADOS NOS ESCOMBROS — Os trabalhadores encontraram durante o serviço, nos escombros, dez relogios de nickel e prata. Estavam todos parados e marcavam uns sete horas e trinta minutos, outros sete horas e trinta e cinco.

Foram tambem encontradas varias quantias, que fazem uma somma superior a 150$. Foi igualmente achada uma caderneta da Caixa Economica, com $67$740. A caderneta tinha um nome de mulher.

Encontraram-se desenhos e plantas de construcções.

No bolso de um cadaver foi achada uma carta de Portugal, com este endereço: Antonio de Souza, rua Visconde de Sapucahy n. 278.

UM FERIDO QUE FALLECEU NA SANTA CASA — Os feridos que se achavam hontem na Santa Casa não apresentaram maior gravidade. Um delles, entretanto, o chamado Luiz Gazladio, Italiano, de 38 annos, casado e morador na rua Nabuco de Freitas n. 165, falleceu e foi removido para o Necroterio.

OS INSEPULTOS — Deverão ser sepultados hoje, no cemiterio de S. Francisco Xavier, os cadaveres que, por motivo de força maior, não puderam ser levados hontem para a sua ultima morada.

NA DIRECTORIA DE OBRAS DA PREFEITURA — Estivemos no gabinete do Sr. Dr. Cupertino Durão, Director Geral de Obras e Viação da Prefeitura, onde nos foi confiado o processo da construcção do predio á rua da Carioca, esquina da rua Silva Jardim, e do exame minucioso que fizemos do dito processo, verificámos não ter havido por parte do Engenheiro Miranda Ribeiro ou do seu auxiliar Goulart de Andrade, nenhuma impugnação, quer quanto á esthetica, quer quanto á approvação do projecto, no tocante á construcção, tendo ambos opinado pela concessão da licença, que não foi logo dada, devido a não querer o proprietario sujeitar-se a fazer a construcção com alinhamentos curvos nas duas esquinas, conforme o projecto approvado, exigente na Directoria, e sim chanfrados, como permittem as posturas municipaes, havendo o ex-Prefeito Dr. Azevedo Sodré, deferido o pedido, diante das informações do Sr. Director de Obras.

O INQUERITO — Os trabalhos policiaes relativamente ao grande desastre limitaram-se hontem a dous depoimentos tomados na delegacia do 4º districto.

As declarações prestadas foram do mestre e do contra-mestre das obras.

O mestre, Raymundo Saguto, que trabalha para o Sr. Antonio Jannuzzi desde o anno de 1880, disse que a construcção não offerecia perigo e explicou o desastre com o accidente da viga de ferro que se desprendeu do gancho e cahio sobre a parede mestra da rua Silva Jardim. Quando se deu o accidente, elle sentio o desastre imminente e deu ordem para que os operarios fugissem.

O contra-mestre